



“O que há em comum é que as duas partes gostam de brigar com os fatos.”

Zuenir Ventura

ESCRITOR

Sobre a disputa entre tucanos e petistas

“Estaria trazendo mais dificuldades regionais do que avanços.”

Merval Pereira

COLUNISTA DE “O GLOBO”

Sobre a relação entre Campos e Marina

As razões para comemorar mais um aniversário da capital

Fernando Pimentel

Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; ex-prefeito de Belo Horizonte

Belo Horizonte, cidade inspiradora

São muitas as razões para comemorarmos mais um aniversário de Belo Horizonte. Cada um de nós, mineiros, tem a sua. Podemos celebrar uma cidade jovem, moderna e acolhedora. Tive a oportunidade de contribuir diretamente para o desenvolvimento da nossa capital por 16 anos, como secretário de Finanças, vice-prefeito e prefeito. Ao longo dessa década e meia, não foram poucas as iniciativas que ajudaram os cidadãos a resgatar a dignidade e a exercer sua cidadania.

Tivemos uma atenção especial com a população mais fragilizada das vilas, favelas e dos aglomera-

dos, que representam cerca de 500 mil pessoas, ou um quarto dos moradores de Belo Horizonte. O programa Vila Viva foi uma das muitas iniciativas da prefeitura que, à época, investiam milhões de reais para melhorar a vida daquelas pessoas que vieram, assim como os centenários pioneiros, ajudar a construir a cidade que temos hoje.

Esse trabalho, e tantos outros que beneficiaram cidadãos de todas as classes, foi fortemente orientado pela própria sociedade, por meio do Orçamento Participativo (OP). Em 2009, quando deixei o comando da cidade, havíamos alcançado a marca de mil obras sugeridas pela popu-

lação e realizadas pela prefeitura.

Há desde escolas e centros de saúde a moradias e obras de infraestrutura, sendo essas últimas as que compreendem a maior parte dos investimentos realizados até o fim de 2008: cerca de R\$ 870 milhões. Essa participação foi amplificada pelo Orçamento Digital, que permitia a consulta aos belo-horizontinos pela internet. Pelo conjunto de ações, nossa administração à frente da prefeitura teve reconhecimento internacional.

Nesta quarta-feira, quando BH completa 116 anos, percorremos nossa breve história e, com muita satisfação, vemos nossa cidade na van-

guarda em muitos setores. Fomos e somos um dos celeiros da literatura nacional, berço de escritores fundamentais, seja porque aqui nasceram, seja porque aqui encontraram ambiente para contar suas histórias. Na moda, temos nomes expressivos que mantêm o destaque da produção local mundo afora.

Como porta de entrada do nosso Estado, Belo Horizonte também é sinônimo de artes plásticas e arquitetura. É a partir daqui que se chega à obra do mestre Aleijadinho ou à modernidade de Inhotim. É aqui, na Pampulha, que se concentra um dos maiores exemplares do arrojo arquitetônico de Oscar Niemeyer.

Nosso circuito cultural tem prestígio internacional com espaços de exposição de alto padrão, como o recém-inaugurado Centro Cultural Banco do Brasil. Na música, continuamos como referência de qualidade. Não podemos também nos esquecer de um traço marcante da capital mineira, que ressalta sua jovialidade e expressa a mineiridade: os bares e botecos, onde apreciamos o melhor tira-gosto e a cerveja mais gelada.

BH nos enche de orgulho. É uma cidade inspiradora, que tem muito a oferecer a todos os que passam por aqui – mineiros, brasileiros e estrangeiros.

300 anos de ciências humanas e biológicas

Beto Vianna

Linguista

www.biologuagem.com

Combate ao crime em conjunto

Edson Moreira

Delegado de polícia e vereador (PTN-BH)
delegadoedsonmoreira@cmbh.mg.gov.br

Erracismo

Nem toda teoria errada é racista, mas toda teoria racista é errada. Ou tem se mostrado errada em 300 anos de ciências humanas e biológicas no Ocidente. Cada formulação racista dura o tempo que dura graças aos grupos que dela usufruem, mais que a uma cultura que lhe dê sustentação. E o revés de um argumento racista é sempre fulminante. Aí, jogamos o argumento na lata de lixo mais próxima, e seguimos a vida. Bom, é o que deveria acontecer se fôssemos espertos.

No século XVIII, Montesquieu ensinou que ir ao exterior é educativo, pois “saímos do círculo de preconceitos do próprio país e não estamos dispostos a assumir os dos outros”. Dada a eminência do filósofo, espanta, três séculos depois, ver quem faz o oposto: viaja com a mala cheia da velha mentalidade da casa-grande e traz, de suvenir, preconceito fresquinho aprendido no país rico (é rico, pois não sofre de nossas crioulas incapacidades).

É como se tanto tempo não houvesse se passado no

pensamento científico ou da epopeia colonialista que botou canga nos afro-americanos. A equação que torna ruim tudo o que é preto continua congelada na imaginação, logo daqueles que frequentam as melhores escolas. Difícil de acreditar.

Há 200 anos, curtíamos a noção de que cada ser, da humilde ameiba ao glorioso ser humano, dispunha-se em uma escada ascendente e imutável. Para o negócio da época – explorar e escravizar o outro –, o mesmo valia para as raças: pretos embaixo, os brancos no topo da escadaria. Darwin bagunçou esse coreto ao mostrar que os seres vivos, tais como as estrelas da música do Roberto, “mudam de lugar”, e que evolução implica estabilidade enquanto espécie – a humana, inclusive –, descartando a ideia de raça mais evoluída. Mas o mundo imperialista não engoliu essa. Nas décadas seguintes, com a partilha europeia da África e a exploração do “quintal dos Estados Unidos” (nós), criam-se elaboradas teorias racistas, da craniometria (depreciando mulheres, negros e ín-

dios) à eugenia (melhoramento das raças) e aos testes de inteligência (nome curioso para uma asnice).

O resultado de tantos erros é conhecido, e hoje sabemos que humanos são farinha genética do mesmo saco: duas famílias africanas diferem mais entre si que minha família sueca e qualquer uma delas. Racistas de hoje são tão atrasados que até isso conseguiram não entender. De posse da informação crucial de que as diferenças de condição (entre grupos, classes, povos, nações) não têm a ver com algum desvível congênito, mas são históricas, posicionam-se contra os ajustes que devemos fazer para reverter o quadro atual de pobreza, desigualdade e desrespeito.

Passou da hora de todos nós – racistas ou não – entendermos que as diferenças de riqueza e dignidade não são obras da sorte, mas foram talhadas com a ajuda de teorias racistas completamente desacreditadas. Errar é bastante humano. Mas errar contra os humanos, sabendo o que já sabemos sobre os humanos, não.

Unificação das polícias

Os diversos casos de confrontos entre as polícias Civil e Militar, os desmandos e desencontros de ambas as corporações, divulgados e não divulgados pela mídia em Minas Gerais e em todo o território nacional, referendam a tese defendida por este subscritor na Universidade Federal de Minas Gerais sobre a unificação das polícias, tornando-se uma força policial única, unânime à segurança pública nos Estados brasileiros.

A unificação implantaria uma única filosofia de segurança pública no Estado e no país, sendo todas as funções voltadas e planejadas para a prevenção e, em últimos casos, para investigação e prisão. Acabariam, então, as “brigas” entre as duas corporações, uma desferindo ataques à outra, quando, na verdade, o combate ao crime deveria ser feito em conjunto pelas duas corporações sob um só comando diretor.

Prevenir crimes e punir quem os cometeu são ações que devem ser feitas de forma coordenada, com todas as informações referentes àquela

ação para seu sucesso, numa atividade em que polícias Civil e Militar atuariam com muito mais eficiência e sem vaidades de corporações.

Minha sugestão, como estudioso da criminalidade e da segurança pública, seria a criação de sistema unificado de informações, orçamento único e melhor distribuído para combate e prevenção ao crime, estudos unificados para as duas esferas de atuação, uma única academia, sistema de comunicação e, principalmente, um planejamento adequado para a segurança. Dessa forma, seriam economizados investimentos, os gastos seriam mais bem aproveitados e as informações referentes à criminalidade chegariam mais rapidamente às bases de prevenção e combate.

Além disso, creio que deveria ser criada uma cadeira universitária para a segurança pública no país, com o auxílio valioso das universidades na segurança pública, que criaria mecanismos para detecção do crime e seus lugares, orientando e direcionando para a prevenção e repressão dos delitos em suas diver-

sas modalidades. Cito como exemplo, no Estado de Minas Gerais, o Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crisp/UFGM), um dos pioneiros do país no estudo e combate à violência.

Porém, para tudo o que sugeri, seria preciso um investimento em segurança pública, também coordenado e integrado entre as três esferas de poder (União, Estados e municípios), bem como uma legislação condizente com a atual conjuntura, além de investimentos maciços na educação. Contudo, o que se vê atualmente é um Congresso Nacional e uma Presidência da República desinteressados, que sancionam leis utópicas e perseguidoras, como as que criaram “comissões da verdade e da mentira”, num claro combate a ideologias passadas que dirigiram o país, esclarecendo que o maior exemplo remanescente daqueles tempos é a Polícia Militar, criada em 1969, por meio da extinção da Guarda Civil e a incorporação do efetivo às forças públicas dos Estados.

O TEMPO

ENDEREÇOS
Sede Comercial
Rua Pernambuco, 712 - Funcionários
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-151
Fone (31) 2138-3900 - Fax (31) 2138-3920
Web.: www.otempo.com.br
e-mail: comercial@otempo.com.br
Redação e Industrial
Avenida Babita Camargos, 1.645
Cidade Industrial, Contagem - MG
CEP 32.210-180 Fone: (31) 2101-3000

SERVIÇOS EDITORIAIS
The New York Times
AGÊNCIAS NOTICIOSAS
Associated Press, Agência Globo, Folhapress e Agência Estado

ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
0800-703-4001 (interior)
(31) 2101-3838 (Capital e Grande BH)
Horário de funcionamento:
Segunda a sexta-feira: 7h às 19h
Sábado, domingo e feriados: 7h às 13h
E-mail: atendimento@otempo.com.br

FILIADO À ANJ
Associação Nacional de Jornais www.anj.org.br
IVZ
FILIAL DO INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO

PREÇO DA ASSINATURA: NORMAL MG
(consulte nossas promoções)

Anual	Semestral	Trimestral
R\$ 492,00 à vista ou: 2 x R\$ 246,00 3 x R\$ 164,00 4 x R\$ 123,00 6 x R\$ 82,00	R\$ 246,00 à vista ou: 2 x R\$ 123,00 3 x R\$ 82,00 4 x R\$ 62,00	R\$ 123,00 à vista

ESCRITÓRIOS COMERCIAIS

SÃO PAULO
Avenida Jamaris, 100 - Sala 207 - Bairro Moema - São Paulo - SP - CEP 04.078-000
Fone/fax:
(11) 5531-3334 - (11) 5531-3336 - (11) 9935-3534
E-mail: rodrigo.simoies@otempo.com.br

RIO DE JANEIRO
Bueno Comunicação - Av. Almirante Barroso, 63 - Sala 2012 - Edifício Cidade do Rio de Janeiro - Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20.031-003
Fone: (21) 2524-5644 ou (21) 96968-2255
E-mail: barbara.bueno@buenocomunicacaoorj.com.br e fbueno@buenocomunicacaoof.com.br

BRASÍLIA
Bueno Comunicação - SRTVS - Quadra 701 - Bloco O - Conj. 896 - Edifício Centro Multiempresarial - Asa Sul - Brasília - DF - CEP 70.340-000
Fone/fax: (61) 3223-6999 - (61) 8179-7215
E-mail: daniela.bueno@buenocomunicacaoof.com.br e fbueno@buenocomunicacaoof.com.br

ESPÍRITO SANTO
Bueno Comunicação - Rua Professor Elpidio Pimentel, 409 - Sala 201 - Edifício Macondo - Mata da Praia - Vitória - ES - CEP 29.065-060
Fone/fax: (27) 3376-5095 e (27) 98129-0362
E-mail: violeta@buenocomunicacaoes.com.br e fbueno@buenocomunicacaoof.com.br